

EXPERIMENTOS E POSSIBILIDADES DE NOVOS ESPAÇOS SOCIAIS: A LUTA COLETIVA DAS MULHERES MIGRANTES EM BOA VISTA, RORAIMA

6. Economia Agrária, Espaço e Meio ambiente

6.1. Economia, Espaço e Urbanização

Marlene Grade¹
Ana Maria Rita Milani²
Verônica Fagundes Araújo³

Resumo: Este artigo busca forjar os conceitos empíricos e geográficos de lugar, espaço, formação social, totalidade e universalidade, utilizando a apreensão de Milton Santos e, ao mesmo tempo, formar um paralelo com o pensamento de Karl Marx para a definição dessas categorias. Este procedimento se faz necessário para evidenciar o tempo presente como tempo da impossibilidade/dificuldade da reprodução humana através do salário e do lucro, categorias empíricas burguesas de reprodução social. Analisamos alguns experimentos sociais, evidenciando as formas encontradas pelos homens produtores diretos em sua cotidianidade para se manterem em existência. Nesse sentido, essas lutas coletivas podem estar evidenciando a construção de novos espaços sociais que encontram na solidariedade seu novo nexos produtivo.

Palavras-chaves: lugar, espaço, totalidade, universalidade, cooperação, solidariedade.

Abstract: This paper seeks to build the empirical and geographical concepts of place, space, social training and all universality using the arrest of Milton Santos, and at the same time, forming a parallel with the thought of Karl Marx to define these categories. This construction is necessary to show the time as this time the inability / difficulty of human reproduction through earnings and profit, empirical categories of bourgeois social reproduction. We analyze some social experiments, as evidenced by the shapes found men direct producers in their daily life, to remain in existence. In this sense, these collective struggles, may be showing the construction of new social spaces that are in solidarity link your new production.

Keywords: place, space, totality, universality, cooperation, solidarity.

¹ Professora do curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Ouro Preto-UFOP, mestre em Economia pela UFSC, doutora em Geografia pela UFSC. E-mail: mcmarlene@uol.com.br

² Professora do curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Maceió, mestre em Economia pela UFBA, doutoranda em Economia pela UFRGS.

³ Professora do curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Roraima - UFRR, mestre em Economia pela UFRGS, doutoranda em Economia pela UFPE.

Introdução

Utopia consta no dicionário de filosofia (ABBAGANANO, 2000) como sendo a um só tempo, lugar nenhum e lugar feliz. Para Eduardo Galeano, a utopia assume como significado “um salto para o futuro carregado de memória”, para Vitor Hugo, como sendo “a verdade matutina”. Também se poderia somar a essas idealizações o Éden, uma utopia do paraíso.

Entretanto, a despeito de idealizações, a humanidade caminha por experimentos reais, tendo por base as condições dadas, legadas pelas gerações passadas e suas superações, nesse sentido o que buscamos neste artigo é a caracterização dos elementos produzidos pela sociedade capitalista e que se constituem em pré-condições materiais e sociais para uma sociedade superior à burguesa. Significa apreender qual questão do nosso tempo? Por meio de uma formulação teórica, apresentamos a possibilidade histórica engendrada como virtuosidade do mundo burguês, o que neste artigo toma a forma da cooperação entre os homens trabalhadores, sua unidade para reproduzirem-se como seres existentes.

Para pensar essas novas organizações sociais advindas da classe trabalhadora utilizamos os conceitos de lugar, espaço e formação social, buscando caracterizar sua universalidade, construindo novas possibilidades, redefinindo sua forma de participação e inserção social. É nesse sentido que vamos forjar esses conceitos para estabelecer um vínculo que possibilite pensar a universalidade dessas formas organizativas coletivas que vem emergindo no mundo dos produtores diretos.

Levantaremos, também, alguns elementos resgatados por pesquisa empírica na cidade de Boa Vista, Estado de Roraima, dada pela organicidade das mulheres migrantes e indígenas na busca por construção de caminhos possíveis dentro dessa materialidade social.

1. Os conceitos de lugar e espaço

Os lugares, neste artigo, serão compreendidos como tempos distintos da exploração sobre a classe trabalhadora pela classe capitalista. Nesta construção, primeiramente vamos nos diferenciar dos conceitos de totalidade e lugar elaborados por Milton Santos, buscando em seguida trazer nossa concepção construída a partir de Karl Marx.

Santos (1999) coloca que a diferença dos espaços decorre das ações humanas que criam os objetos técnicos construindo os sistema de informações, conceituado por ele como

“meio-tecno-científico-informacional”. Para ele, o lugar é a totalidade⁴ se fazendo presença, diferenciados entre si pelas ações humanas e pelos objetos técnicos.

Segundo Santos (1999), essa noção de totalidade permite um tratamento objetivo do mundo, já que pela primeira vez na história da humanidade estamos convivendo com uma universalidade empírica. Isso é posto por Santos (idem) no sentido de que não se pode deixar de reconhecer a emergência de espaços da globalização.

Um caminho possível para a construção de uma epistemologia, segundo esse autor (idem), seria partir da totalidade concreta e perceber como ela se apresenta neste período da globalização: como uma totalidade empírica para examinar as relações efetivas entre a totalidade-mundo e os lugares. Isso equivale a revisitar o movimento universal, que é posto a partir do universal para o particular e vice-versa.

Assim, “retomamos, o conceito de totalidade, reexaminar as suas formas de aparência, reconhecer as suas metamorfoses e o seu processo e analisar as suas implicações com a própria existência do espaço” (SANTOS, 1999, p.92).

A noção de totalidade, conforme posta por Santos, é um legado da filosofia clássica, constituindo um elemento fundamental para o conhecimento e análise da realidade⁵. Essa idéia diz que: “todas as coisas presentes no Universo formam uma unidade. Cada coisa nada mais é que parte da unidade, do todo, mas a totalidade não é uma simples soma das partes. As partes que formam a Totalidade não bastam para explicá-la. Ao contrário, é a Totalidade que explica as partes” (SANTOS, 1999, p. 92).

Em Santos (1999, p.94) vemos que o processo histórico é um processo de complexificação, nesse sentido, a totalidade, historicamente, vai se fazendo mais complexa. O

⁴“O concreto é concreto por ser a síntese de múltiplas determinações, logo, unidade da diversidade. É por isso que ele é para o pensamento um processo de síntese, um resultado, e não um ponto de partida, apesar de ser o verdadeiro ponto de partida e portanto igualmente o ponto de partida da observação imediata e da representação” (MARX, 1977). É nesse sentido que aprendemos o conceito de totalidade em Marx.

⁵ Totalidade: Um todo completo em suas partes e perfeito em sua ordem. Este é o conceito de Totalidade que se encontra em Aristóteles, que se distingue de *todo*, cujas partes podem mudar de disposição sem modificar o conjunto. Nesse sentido, o mundo (cosmos) é uma Totalidade, mas o universo não.

Mesmo nas línguas modernas, a noção de Totalidade conservou a característica da completude e de disposição perfeita das partes. Segundo Kant, a “Totalidade das condições” corresponde, na síntese da intuição, à universalidade do predicado na premissa maior do silogismo. A noção de Totalidade das condições é a *idéia* da Razão Pura. Portanto, segundo Kant, a idéia é a noção de uma perfeição, ainda que não de uma perfeição real (ABBAGANANO, 2000).

Universal: Esse termo teve dois significados principais: 1º significado objetivo, em virtude do qual indica uma determinação qualquer, que pode pertencer ou ser atribuída a várias coisas; 2º significado subjetivo, em virtude do qual indica a possibilidade de um juízo (que diga respeito ao verdadeiro e ao falso, ao belo e ao feio, ao bem e ao mal, etc.) ser válido para todos os seres racionais.

O 1º significado é o clássico; Aristóteles diz que Sócrates foi o descobridor do universal. Nesse sentido, o U. pode ser considerado no duplo aspecto ontológico e lógico.

2º No segundo significa, U. é o que é ou deve ser válido para todos. O conceito de U. nesse sentido nasceu no domínio da análise dos sentimentos, especialmente dos sentimentos estéticos (ABBAGANANO, 2000).

universo não é desordenado, sendo que devemos descobrir suas leis e estruturas internas, pois há uma ordem nele. Essa ordem buscada não é aquela em que organizo as coisas em meu espírito, mas a ordem que as coisas, elas próprias, têm.

Assim, diz Santos (1999, p.97), o processo histórico passa a ser um processo de separação das coisas, em coisas particulares, específicas. O todo só pode ser conhecido através do conhecimento das partes e vice-versa. Para alcançar a verdade total é necessário reconhecer o movimento conjunto do todo e das partes. “A metamorfose do real-abstrato em real-concreto, da essência em existência, da potência em ato é, conseqüentemente, a metamorfose da unidade em multiplicidade”.

Dessa forma, a era da globalização faz também redescobrir a corporeidade e a singularidade presente nos lugares (SANTOS, 1999, p. 251). Desse ponto de vista, os lugares podem ser vistos como um intermédio entre o Mundo e o Indivíduo.

Para Santos (1999, p.252) “cada lugar é, a sua maneira, o mundo (...). Mas, também, cada lugar, irrecusavelmente imerso numa comunhão com o mundo, torna-se exponencialmente diferente dos demais. A uma maior globalidade, corresponde uma maior individualidade”.

O lugar passa a ser, desenhando Santos (1999, p.266), um novo local que emerge, essencialmente, na atualidade, como um “meio técnico-científico-informacional”, esse resultado “se deve ao papel das técnicas do mundo de hoje na revolução planetária atual”. Essa técnica, presente em todos os aspectos da vida, constitui:

a ordem técnica, sobre a qual assenta uma ordem social planetária e da qual é inseparável, criando, juntas, novas relações entre o “espaço” e o “tempo”, agora unificados sob bases empíricas.

A partir dessas duas ordens, se constituem, paralelamente, uma razão global e uma razão local que em cada lugar se superpõem e, num processo dialético, tanto se associam, quanto se contrariam. É nesse sentido que o lugar defronta o Mundo, mas também, o confronta, graças à sua própria ordem (SANTOS, 1999, p.267).

Posta esta síntese de Santos no que se refere a sua concepção de totalidade e lugar, buscamos construir algumas linhas de interpretação a partir de Karl Marx e o significado de universalidade para chegar ao entendimento do conceito de lugar, espaço e formação social.

Como podemos expressar a universalidade? Como podemos apreendê-la? Seguindo os passos de Santos, pensemos em um objeto técnico: uma garrafa de coca-cola como produto social. A garrafa de coca-cola é um objeto técnico social, nada há de individual nela, é pura expressão social. Na garrafa de coca-cola enxergamos toda a sociedade. Quando o lugar era ainda expresso como panela de barro, em que cada comunidade isolada produzia a sua, esse

objeto técnico ainda era o lugar como uma expressão individualizada de cada comunidade. Agora, porém, esse mesmo lugar é outro, não é mais o que era, expressão da individualidade em seus objetos técnicos, mas uma expressão concreta da universalidade. Ou seja, cada lugar tem a sua singularidade como expressão de um tempo universal, o que aparece em um lugar como o fazer a tampa da garrafa de coca-cola; em outro, o rótulo; em outro, ainda, o design; em outro, o plástico. Em cada um desses lugares a universalidade (o fazer a garrafa de coca-cola) adquire uma forma singular que se evidencia em cada parte da garrafa de coca-cola, ou em qualquer outro objeto. Pode-se identificar como o “nós” das redes de Manoel Castells (1999). Entretanto, buscando construir nossa apreensão a partir de Marx, expressamos o lugar como um tempo da produção e da reprodução das relações sociais capitalistas, materializada no valor-que-se-valoriza (mais-valia).

O lugar é, assim, uma metamorfose permanente, a negação do que era – panela de barro – pela afirmação que é - a produção da garrafa de coca-cola. Não só os objetos técnicos, mas a moral, a ética, os valores, a cultura, se metamorfoseiam. Há nesse sentido, há um conflito permanente entre a negação do velho e a afirmação do novo, formando o espaço presente.

Santos explica que os lugares são expressão do movimento da divisão do trabalho, que a diferença entre os lugares se dá em virtude deste fator. Para Marx, a diferença entre os lugares no modo de produção capitalista está estabelecida pela divisão do grau de desenvolvimento e reprodução do capital. Cada lugar tem de produzir constantemente os meios de produção e a força de trabalho como propriedade privada, transmutando-os em propriedade social pela centralização do capital.

Constrói-se um espaço de transformar a força de trabalho como mercadoria e torná-la supérflua, onde a força de trabalho produza riqueza e se reproduza enquanto assalariamento e como excedente de força criadora de mais-valor. Necessário é, pois, também, que ela produza seus meios de subsistência para que possa repor sua energia física e mental, gasta no processo produtivo, e produza os meios de subsistência do capitalista e o próprio capital (MARX, 2005).

À medida que se torna mais difícil à força de trabalho se reproduzir como tal, ou se produzir em piores condições que as anteriores, mais os lugares vão se degradando. Isso se evidencia na ampliação das favelas, na abundância de subempregos, na degradação dos espaços de moradia nas periferias, na degeneração da moral e dos valores, na violência contra

a natureza. Isso, ao mesmo tempo em que se produz um espaço de riqueza de alta tecnologia como capital.

Os lugares são diferenciados através do grau de desenvolvimento das forças produtivas de produzir mais-valia, obedecendo às leis da produção e reprodução do capital e os espaços da realização dessa mais-valia.

A divisão do capital é colocada por Marx (1980, 2004, 2005) como: capital dinheiro, capital mercadoria e capital produtivo. E a configuração dos lugares é dada a partir dessa divisão do capital. Os lugares se diferenciam de acordo com o grau de desenvolvimento do capital, dado por três vetores:

- 1º. A produção na sociedade capitalista que é a produção de mais-valia;
- 2º. A produção da sociedade capitalista: produzir trabalhadores assalariados de um lado e produzir capitalistas de outro;
- 3º. A produção da negação da sociedade capitalista: a transmutação do capital individual em capital social pela centralização, manifestado no desenvolvimento das forças produtivas e das relações sociais de produção.

Uma linha vertical cortando esses três vetores temporais assinala o que conceituamos como formação social, que vai representar os momentos desse processo em cada lugar. No conceito de formação social está incluso a destruição dos antigos modos de produção, a recriação e a moldagem ao modo de produção atual e também sua negação/superação, ainda que como possibilidade. As empirias resgatadas abaixo inserem-se neste ponto conceitual.

A universalidade de acordo com Marx pode ser expressa da seguinte forma:

- Todos os meios de produção se transformam em capital constante, ou seja, são trabalho objetivado;
- Todo trabalho necessário se transforma em capital variável, ou seja, em fundo de subsistência do trabalhador;
- Todo trabalho excedente se transforma em mais-valia;
- Em cada tempo e lugar também se faz presente à degeneração das formas sociais do trabalho.

Assim, cada lugar será a expressão concreta desta universalidade onde os homens estão construindo as suas vidas socialmente, em detrimento das formas individuais, ainda que na forma burguesa. A formação social é manifestação temporal em cada lugar deste movimento.

Forja-se assim, o conceito de espaço adotado neste trabalho: espaço na sociedade burguesa é o espaço do capital, de sua constituição, afirmação e negação. Ou seja, o lugar é a

fixação do espaço passado, presente e futuro é a condição dada do homem produzir a sua existência historicamente determinada.

O espaço, no modo de produção capitalista é, assim, o resultado dos três vetores históricos acima especificados que se apresentam como tendências para a afirmação e a superação da sociedade burguesa e a necessidade/possibilidade de uma nova forma de produção da existência humana.

Nesse sentido é que buscamos apreender, na dinâmica dos homens produtores diretos, como esse novo espaço, para além do capital, tem se constituído, em que a solidariedade aparece como nova práxis produtiva, evidenciada pela unidade cooperativa entre os homens trabalhadores diretos.

2 Em busca do novo

A gestação do novo, na história, dá-se, frequentemente, de modo quase imperceptível, já que suas sementes começam a se impor quando ainda o velho é quantitativamente dominante, analisa Santos (2000). Para ele é exatamente por isso que a "qualidade" do novo pode passar despercebida.

No caso do mundo atual, temos a consciência de viver um novo período, mas o novo que mais facilmente apreendemos é a utilização de formidáveis recursos da técnica e da ciência pelas novas formas do grande capital, apoiado por formas institucionais igualmente novas, sintetiza Santos (2000). Ou seja, para esse autor (idem), o novo é também a ampliação da produção da riqueza em forma de novas tecnologias que são apoiadas por outras/novas formas institucionais. As mudanças a serem introduzidas não virão do centro do sistema, como em outras fases de ruptura na marcha do capitalismo. As mudanças sairão dos países subdesenvolvidos. A mudança, para Santos (idem), significa uma outra forma de globalização, uma reversão ao processo de acumulação capitalista.

O autor (idem) corrobora a positividade dos progressos tecno-científico-informacionais fulminantes que faz com que o mundo fique mais perto de cada um, não importando onde se esteja. O mundo se instala nos lugares, e as dialéticas da vida nos lugares ficam mais enriquecidas e são paralelamente o caldo de cultura necessário à proposição e ao exercício de uma nova política (SANTOS, 2000).

Ousa-se pensar que a história do homem sobre a Terra dispõe afinal das condições

objetivas, materiais e intelectuais para superar o endeusamento do dinheiro e dos objetos técnicos e enfrentar o começo de uma nova trajetória. “O tempo das possibilidades efetivamente criadas, o que, à sua época, cada geração encontra disponível, isso a que chamamos tempo empírico, cujas mudanças são marcadas pela irrupção de novos objetos, de novas ações e relações e de novas idéias” (SANTOS, 2000).

Para ele (2000), o mundo atual como disponibilidade e como possibilidade, em que as condições materiais já estão dadas para que se imponha a desejada mutação, tem seu destino dependente de como as disponibilidades e possibilidades serão aproveitadas pela política.

Ainda, para o autor, estamos descobrindo o sentido de nossa presença no planeta, pode-se dizer que uma história universal verdadeiramente humana está, finalmente, começando. A mesma materialidade, atualmente utilizada para construir um mundo confuso e perverso, pode vir a ser uma condição da construção de um mundo mais humano. Basta que se completem as duas grandes mutações ora em gestação: a mutação tecnológica e a mutação filosófica da espécie humana.

Neste novo século, acreditando nesta possibilidade de construção consciente do novo pelos homens, ou pela “grande mutação” em que acreditava Milton Santos, buscamos apreender na dinâmica da classe trabalhadora elementos que evidenciam a negação/superação do velho modo de produção capitalista, ainda que embrionariamente.

Existem experiências da construção de sociedades que se pretenderam superior à capitalista como foi a da URSS, e é a da China e a de Cuba. Muitos são os estudos que destacam os elementos desta nova sociedade, como Stephen F. Cohen (1976), Charles Bettelheim (1979) e E. H. Carr (1981). No entanto, observar se novos elementos, embora ainda em processo de espacialização, que germinam em um espaço que se evidencia como sendo o mais desenvolvido desta sociedade, pelo avesso, isto é, que envolve a população excluída ou precariamente incluída no modo de produção capitalista residente nas periferias urbanas, não têm sido uma prática teórica normal e comum; entretanto, é nestes espaços que se tem indicado a possibilidade da emergência do novo na luta pela sobrevivência e, ao mesmo tempo, extrapolando-a para além dos moldes burgueses de produção da vida, para além de suas categorias empíricas, salário e lucro. O nexos social que vem sendo construído nesses espaços sociais, especificados pelos lugares, tem a solidariedade sua categoria empírica.

Nesses espaços periféricos evidencia-se que as relações sociais burguesas já não

parecem ser mais capazes de garantir a produção e a reprodução dos homens trabalhadores diretos, ressaltando a essência do modo de produção capitalista, que se faz na produção contraditória de riqueza e barbárie sociais, potencializando a luta entre as classes proprietárias e não-proprietárias dos meios de produção (MARX, 2004).

Apresentando-se a necessidade/possibilidade de superação do modo de produção capitalista, nesse movimento dialético dos três vetores (afirmação, negação/superação do velho), novos espaços vêm sendo construídos pela dinâmica da organicidade da classe trabalhadora na luta pela sua reprodução social, buscando superar suas condições reais, isto é, superar sua desnecessidade como força produtiva para o capital, abrindo, ainda que como possibilidade, a construção de novos nexos sociais, para além das categorias empíricas burguesas, salário e lucro, nos seus termos.

A seguir construímos alguns exemplos dessa luta cotidiana na vida desses homens e mulheres que vivem do trabalho, que se organizam coletivamente para se reproduzirem e ao tecerem esse cotidiano afirmam o espaço, como espaço da negação do capital, criticam empiricamente o modo de produção capitalista afirmando, pela sua ação, a impossibilidade de se reproduzirem como salário e lucro. Criam a necessidade/possibilidade de superação, ainda que contraditória, da universalidade do capital, redefinem, desta forma, o lugar como categoria geográfica e a solidariedade como nova práxis produtiva.

2. Construindo novos espaços: a luta coletiva

a) Grupo de Produção Coletiva Santa Tereza

O Grupo de Produção Santa Tereza iniciou suas atividades no ano de 1995, através de um projeto do governo do estado de Roraima, visando formar grupos de produção comunitária. Essas mulheres, algumas sub-empregadas, outras sem emprego, a grande maioria chefes de família, unem-se, ainda que sob o incentivo do Estado, para reproduzirem-se socialmente.

O Grupo contava inicialmente com a participação de dez mulheres que receberam um treinamento de corte e costura fornecido pelo Governo do Estado em parceria com o SENAI. Foi também ofertado um curso de administração para pequenas empresas para que essas mulheres pudessem administrar seu grupo de trabalho. Para iniciar o Grupo social, o Governo do Estado de Roraima financiou treze máquinas de costura industrial, um ferro a vapor e uma máquina para corte, no ano de 1995.

Hoje o grupo conta com a participação de quatorze mulheres. Explicam que entre elas nunca houve desentendimentos em vista de partição de trabalho e renda, que há alguns conflitos, mas que até o momento não levaram à dissolução do grupo ou ao afastamento de algum membro. Foram unânimes em colocar que todas participam de forma igual e que uma ajuda e ensina a outra. Quando um dos componentes tem alguma dificuldade familiar ou não pode participar do trabalho, dele não é descontado nenhum valor. Os depoimentos indicam que os membros congregam o grupo num espírito de mútua confiança garantindo os laços de unidade necessários para a realização do trabalho. Isso é observado na fala de alguns dos componentes: “Sem confiança e sem amizade não dá pra trabalhar”; “A gente vem empolgada pro trabalho porque sabe que aqui vai encontrar uma verdadeira família”; “Quando uma não encontra a outra já dá saudade”; “E olha que cada uma é de um canto do Brasil, cada uma tem a sua história”; “A gente se dá muito bem juntas”.

Sua produção consiste na confecção de roupas, tais como: uniformes escolares, uniformes para times de futebol, uniformes profissionais e confecção de roupas diversas como blusas, calções, blazers, saias, vestidos, etc. O grupo também realiza trabalhos por encomenda, e também consertos de roupas.

Inicialmente, este Grupo começou a trabalhar na Associação de Moradores em um bairro próximo que disponibilizava o espaço físico; depois passaram seis meses em um espaço alugado, até o período em que o Governo do Estado de Roraima reformou o espaço cultural do bairro Santa Tereza, que os vem abrigando até o momento. Após dois anos de trabalho, pagaram todas as máquinas financiadas.

O espaço em que atuam possui uma dimensão física reduzida, impondo dificuldades no posicionamento das pessoas, das máquinas, etc. A ventilação é feita por um ventilador de teto. As máquinas têm vários anos de uso e necessitam ser renovadas. Há cerca de 10 máquinas industriais ao todo. A mesa de corte é de lâmina fina e com acabamento rudimentar, os tecidos ali trabalhados podem ficar enroscados em suas pontas.

Possuem junto à produção um ponto de comercialização dos produtos na própria comunidade. Trata-se de um balcão e uma estante colados junto a parede. Mostraram-nos sua produção como “jóia rara”. É produto com acabamento primoroso, visualmente bem confeccionado. Não havia uma grande quantidade à mostra, porque como trabalham mais sob encomenda não há muitos produtos disponíveis em sua loja.

Elas aprenderam também fazer trabalhos em tela para compor desenhos em blusas com nomes de times de futebol, nomes das escolas, paisagens de Boa Vista, entre outros.

Todas reiteraram a importância da cooperação e da solidariedade para continuarem em sua atividade. “Precisamos estar juntas”; “Nós aqui somos uma grande família”.

b) Grupo de Mulheres São João Batista

O Grupo de Mulheres João Batista formou-se por meio de um Projeto da Igreja Católica, através do Centro de Direitos Humanos (CDDH), cujo principal objetivo é integrar a comunidade possibilitando uma fonte de trabalho e renda às famílias.

O início das atividades ocorreu no ano de 2000, com a participação de oito mulheres; o produto: a fabricação de sabão. A decisão por essa produção deu-se em vista de que algumas mulheres participantes do grupo já dominavam a técnica de fabricação desse produto e a desenvolveram através de curso ministrado pelo CDDH, que também auxiliou na compra de matérias-primas, através de crédito rotativo. Este crédito foi devolvido ao final de um ano de atividade. Hoje participam do grupo dezoito mulheres.

A venda do sabão é feita pelas próprias mulheres de porta em porta. As sobras são divididas entre todas. Os equipamentos como tacho, fogão, formas, etc., necessários para a fabricação do sabão, foram emprestados pela comunidade, ou seja, o grupo não conta com os elementos fundamentais ao processo de produção. Não há uma máquina para o fabrico do sabão, sendo este feito artesanalmente, com um tacho a frio, onde misturam os produtos. A embalagem também é feita manualmente; isto é, não há uma embalagem apropriada, colocam-se as peças de sabão em qualquer papel ou saco plástico pequeno, sendo esta uma das dificuldades do grupo, porque a inexistência de um processo de embalagem adequado impede a venda em supermercados na própria comunidade.

As peças de sabão são bem acabadas, cheirosas e dentro de um padrão possível de ser aceito no comércio local. A marca São João Batista sai impressa em cada peça.

O Grupo atua coletivamente dividindo trabalho e renda. Todas têm no grupo sua principal atividade e através dele buscam se reproduzir socialmente. Algumas, para aumentar sua renda, vendem doces de porta em porta ou em locais de trabalho, como pão de queijo e munguzá (prato típico da região). Elas dividem as atividades e seus saberes, as que sabem mais a respeito de uma atividade ensinam as demais e assim vão se construindo como Grupo de trabalho coletivo.

Buscam estender suas atividades tanto ampliando o fabrico de sabão como a incorporando a produção de detergente, sabonetes e outros produtos de limpeza. O grupo também confecciona trabalhos artesanais como colares, brincos, bolsas, entre outros. A

inserção do artesanato deu-se em vista da entrada de novas mulheres que trabalham com essa produção, ressaltam que ainda precisam de cursos específicos para se especializarem de forma mais adequada, tanto para o fabrico de produtos de limpeza quanto dos artesanatos. A decisão da ampliação também deu-se em vista do elevado número de mulheres desempregadas no bairro e com sérias dificuldades de sobrevivência, como é evidente nesta fala: “A gente viu muitas famílias passando fome e fomos ajudar e convidamos elas e também as suas filhas para trabalhar com a gente, elas estão vindo, mais para permanecer tem de ter mais renda, mais trabalho, a gente sabe que é um caminho, mas pra nós é difícil encaminhar os cursos, comprar a matéria-prima, essas coisas, mas é o nosso único jeito de viver”.

c) Grupo de Mulheres Cauamé

O grupo de mulheres Cauamé iniciou suas atividades em agosto de 2005, através da organização comunitária da Igreja Católica Nossa Senhora Auxiliadora, com o apoio da Pastoral Indigenista de Boa Vista - APIC, que forneceu cursos de capacitação em corte e costura. Eram dezoito mulheres inicialmente e a principal motivação era encontrar uma forma de geração de trabalho e renda para si e suas famílias. No entanto, ao transcorrer o tempo e dadas as características do trabalho, este não possibilitou o retorno financeiro da forma esperada e na rapidez desejada, e sendo essa uma das necessidades mais relevantes da maioria das participantes, grande parte do grupo foi se desestimulando e desistindo do trabalho. Os comentários do Grupo com relação à saída das mulheres foram: “acharam que ia entrar dinheiro rápido, e só lentamente o comércio vai dando dinheiro, precisa persistir. Mas também é muito complicado trabalhar sem dinheiro”. “Quem tem fome não espera, e aqui a maioria das mulheres tem os filhos que precisa dar de comer”.

Não há outros grupos na comunidade, tendo este nascido a partir de projetos da Economia Solidária motivados pela Igreja Católica. Conheciam-se “de vista” pela comunidade e aproximaram-se a partir do Projeto.

Por ocasião das festas juninas de 2006 o Grupo recebeu pedidos para confecção de roupas das quadrilhas e trabalharam das 08:00 da manhã até em torno das 22:00 horas para dar conta dos trabalhos. Explicam que com relação à quantidade de trabalho ninguém reclamou: “a gente se animou muito com esse trabalho, seria muito bom se fosse sempre assim”; “deu uma correria danada, trabalhava direto, mas todas ajudaram aí ficou pronto rapidinho”.

Com relação ao trabalho em grupo expressavam-se: “tenho muita vontade de trabalhar em grupo, sozinha demora muito pra fazer”; “junto é mais rápido. Se fosse uma pessoa só, demorava uma semana para fazer o vestido. Uma sozinha não fazia e nós fizemos onze vestidos em uma semana, trabalhamos rápido”; “depois foi mais uma semana para fazer os enfeites com o TNT”; “ficou tudo tão bonito, dava gosto de ver a quadrilha”; “E depois tem essas máquinas velhas, a gente fez milagre com essas máquinas”; “É as máquinas cansam, coitadas e quebram e então bagunça tudo”; “A gente ficava até dez horas da noite, mas terminamos, propomos e conseguimos entregar no prazo”.

E mais: “Eu queria que fosse todos os dias assim, cheio de trabalho, uma correria, dá até gosto de vir pra cá e encontrar todo mundo, pano no chão. Era legal”; “Depois que acabamos ficamos com saudades da correria e de estar juntas assim, eu sonho com um grupo bem organizado”.

Com relação ao processo de aprendizado explicam: “Eu fazia e errava e desmanchava e fazia tudo de novo, aprendi assim. Se não estivesse disposta a aprender eu estaria ainda na cozinha dos outros, empregada doméstica”. “Eu não sabia fazer nada, eu aprendi, surgiram uns cursos eu fiz, de tecidos, de barbante, de costura, fiz tanto curso. O que estou botando em prática é o bordado, o crochê, o barbante. Agora eu é que faço tudo”. “Nosso problema aqui é que a gente convida mais mulheres para vir participar, mas elas não sabem fazer coisa alguma, e não querem aprender, acham que aprender é rápido”.

Com relação a projetos futuros expressam-se: “sonho tão alto, ah! eu sonho...”; “Quero ainda ver esse grupo crescer, melhorar, ter um local próprio para o trabalho, colocar uma lojinha nossa”; “a gente fica pensando, sonhando”; “somos todas desempregadas, e queremos construir nossas vidas com dignidade”; “gostaria de estar fazendo roupas de criança e de bebê, vejo que aqui não tem quem faz”; “quem sabe agora com a universidade ajudando a gente não realiza um pouco os sonhos”; “temos que acreditar e a gente acredita”.

Essas mulheres também atuam como líderes comunitárias. Acreditam que o trabalho em conjunto é a melhor maneira de conseguir “seguir adiante”, como salientou uma das integrantes.

d) Grupo Aliança

O grupo surgiu a partir de duas mulheres que não conseguiam encontrar trabalho e necessitavam de trabalho e renda para subsistir. Passaram a mobilizar pessoas na mesma condição e organizaram-se como Grupo de produção coletiva. Conforme foram se

organizando a preocupação do grupo avançou para os aspectos sociais de toda a comunidade e do próprio município, uma vez que a pobreza e o desemprego são sentidos diariamente sobre as pessoas. O objetivo para além do trabalho e renda é poder intervir no bairro e no município contribuindo e possibilitando espaços para outras organizações e grupos coletivos, promovendo ampliação do conhecimento, o aumento da auto-estima e da apreensão de cidadania, lutando pela comunidade, buscando a qualidade de vida para todos. O grupo se auto-define como “grupo social”, o que demonstra clareza de identidade.

Assim é que no segundo semestre do ano de 2001 vinte mulheres se reuniram e começaram um processo de conhecimento e de aproximação entre si, interagindo com a ajuda de outros grupos voluntários realizaram um curso de treinamento em crochê e ponto cruz. No ano de 2002, o grupo realizou outros tipos de cursos em parceria com entidades sociais locais, como o CDDH da Igreja Católica. As mulheres que participam desse processo se colocam como desempregadas e com dificuldade para conseguir um trabalho formal, para além do trabalho como empregadas domésticas.

Diante dessa realidade e a partir da capacitação, no ano 2003, surgiu a necessidade de definir no Grupo qual seria o processo produtivo que lhes permitiria a geração de renda para auxiliar no orçamento doméstico de cada membro. Após várias reuniões e debates entre as participantes se decide que a atividade do grupo seria na área de costura, especificamente na confecção de roupas infantis. Essa decisão esteve norteadas pelas especificidades do grupo, principalmente nas habilidades de algumas mulheres em operar máquina de costura e outras no domínio do processo de corte. Para começar com a produção, o grupo organizou bingos no bairro como uma forma de financiar a primeira produção, conseguindo disponibilizar um mínimo de capital inicial para o começo do processo de produção.

A partir de então o grupo sentiu a necessidade de ter um espaço físico próprio que servisse para sua produção e como um lugar de reunião e de encontros, principalmente porque acreditam que a solidariedade, tanto entre seus membros quanto entre a vizinhança, é uma questão fundamental. Motivadas por essa necessidade, foi lhes cedido um terreno pelo Governo Estadual, no qual pretendem construir uma casa com tijolos e madeiras. Os materiais para a construção foram doados pelo Ibama. Falta ainda um projeto arquitetônico e o levantamento da construção. Por ora reúnem-se na casa de uma das participantes do grupo.

Todas buscam superar suas dificuldades financeiras apostando em um trabalho coletivo, confeccionando calcinhas, calções e cuecas infantis, como também procuram se construir enquanto cidadãs ativas e capazes de desenvolver no grupo social a autonomia que

lhes permita a sua reprodução social. Nesse sentido, o Grupo tem lhes possibilitado ampliar seus horizontes de vida e de auto-estima, redefinindo-as como mulheres capazes de se construírem a si mesmas e às suas famílias de forma ordenada e com perspectivas positivas com relação ao futuro. Acreditam que o trabalho solidário, coletivo é o processo pelo qual é possível a construção de uma vida digna para si e para suas famílias.

A produção do grupo baseia-se na fabricação de bichinhos em pelúcia, no artesanato e na confecção de roupas infantis. As tarefas são divididas entre as participantes, algumas mulheres cortam, outras costuram, outras vendem, mas todas participam e se ajudam nas diferentes tarefas. O controle de produção se faz num livro no qual cada membro registra o que produziu, horário, material utilizado, para, desta forma, dividir as sobras do grupo. Todas crêem na consolidação e na possibilidade de construir um “verdadeiro grupo solidário”, onde todas trabalham e ganham o suficiente para se construírem como seres viventes, com dignidade e qualidade de vida.

Cada participante estabelece seu horário de trabalho no grupo, o qual é anotado em um caderno próprio. Anota-se tanto a produção como o tempo de trabalho. A distribuição das sobras é feita segundo o critério de que quem não possui outra atividade e não tem outra fonte de renda, que receberá maior valor independente da quantidade de trabalho executada.

Todas as famílias são originárias de outros estados e no grupo encontram o espaço familiar ampliado que lhes falta, comentam: “No grupo a gente não se sente só”; “A gente sonha em não precisar mais trabalhar como doméstica, porque como doméstica a gente trabalha muito e ganha muito pouco e não tem nenhum futuro”; “Aqui com todas essas mulheres a gente ri, brinca e trabalha, levanta nossa auto-estima, como se diz”; “Nós também nos preocupamos com o que o resto da sociedade precisa, por isso participamos também do Fórum de Economia Solidária e da Igreja”.

O Grupo tem a prática de realizar assembléias regularmente, debatendo e decidindo sobre produção, sobras, horários, tudo documentado em atas.

Para que as mulheres se auto-sustentem, dando uma vida digna para sua família e saiam da dependência dos programas assistencialistas tanto do Governo Federal quanto do Governo Estadual, sendo condicionadas pelas próprias características, precisam de um trabalho que lhes garanta o mínimo para suprir suas necessidades básicas. O Grupo reconhece que trabalhando de forma organizada e solidária aumentam as oportunidades de crescimento econômico e social. Dessa forma, se organizam para ministrar e absorver cursos de

treinamento em diferentes áreas para seus componentes e também para as outras mulheres da comunidade.

e) Mulheres Migrantes Solidárias

O grupo Mulheres Migrantes Solidárias surgiu a partir de uma oficina sobre Cidadania e Economia Solidária, promovida em maio de 2006 pela Rede de Educação Cidadã - Fome Zero, na Associação de Moradores do bairro Jardim Primavera, com a participação de moradores(as) de dois bairros circunvizinhos, Silvio Leite e Santa Tereza. A iniciativa nasceu de quinze mulheres engajadas nas atividades da Igreja Católica da Comunidade Nossa Senhora dos Migrantes e se organiza a partir de três bairros localizados na periferia de Boa Vista. Sua produção centrou-se na confecção de bichinhos de pelúcia. A escolha se deu principalmente pelo fato de uma das integrantes do grupo saber fazer o produto e possuir a matéria-prima para iniciar a produção.

O Grupo é composto por mulheres migrantes, com exceção de uma, as demais são originárias de estados do Nordeste brasileiro. A maioria das mulheres se coloca como desempregadas, possuem pouca qualificação, com escolaridade variando entre ensino básico e médio, tendo ainda uma integrante sem passagem pela escola. A média idade é de 28 a 60 anos, todas são mães, a maioria tem de quatro a seis filhos e todas contribuem com a renda familiar.

O grupo não possui sede própria e atualmente se reúnem para trabalhar de segunda a sexta-feira, das 14 horas às 18 horas, no espaço cedido na casa de uma das integrantes.

As mulheres dividem as funções de acordo com os seus saberes, neste sentido as que têm habilidade com a comercialização são responsáveis por isto e as que detêm o conhecimento no processo de confecção dos produtos o fazem, porém não há nenhuma discriminação na divisão da renda, em virtude da função que cada uma executa.

Em princípio, a comercialização é feita na própria comunidade diretamente pelas integrantes, mas os sonhos e as perspectivas destas mulheres são muitos e giram em torno das seguintes demandas: aumento da produção, melhoria da qualidade do produto, diversificação da produção (utensílios de decoração com reciclagem de garrafas, arranjos de flores em meia de seda, ornamentação e lembranças para festas em gerais, entre outros). Falta-lhes, ainda, os equipamentos para viabilizar seu Grupo e fortalecer a comercialização dos produtos.

f) Grupo Feras do Amazonas

Feras do Amazonas é um Grupo que tem como atividade econômica principal o artesanato e a dança. Trabalham na confecção de fantasias para as apresentações de dança do próprio grupo e para as escolas de samba do município, além de confecção de colares, brincos, cocais e outros. No campo da dança fazem apresentações de axé, *country*, boi-bumbá, forró, *reggae*, salsa, merengue e danças regionais. O empreendimento se encontra formalizado na categoria de associação e foi fundado em 12 de maio de 1997, sendo inicialmente composto por oito pessoas. A dança dos bois é típica da região amazônica, originária da Ilha de Parintins (AM). Dois integrantes do grupo são provenientes daquela região, participantes dessas festividades em Parintins, aprenderam a confeccionar as fantasias, as roupas e a brincadeira com os bois. São eles que levaram esse conhecimento para a cidade de Boa Vista, organizando, primeiramente, um Fã Clube dos grupos tradicionais da música da Amazônia. Quando os cantores de Parintins apresentavam-se na cidade de Boa Vista buscavam esse Fã Clube para auxiliar na composição de personagens dessas danças folclóricas (como a Sinhazinha, a Cunhã-Poranga, o Dono do boi, entre outros), isso ajudou a ampliar o Fã Clube e deu visibilidade ao trabalho.

A experiência na composição das danças, fantasias e roupas, mais o Fã Clube organizado permitiu a criação de um Grupo organizado aos moldes dos grupos de Parintins. Aos poucos o Fã Clube foi incorporando novos membros e ampliando-se até constituírem um Grupo social denominado “Feras do Amazonas”.

O grupo já passou por períodos de inatividade e desenvolveu sua primeira atividade econômica após a sua criação, em 16 de fevereiro de 2006. O grupo é composto atualmente por 18 membros. Realiza regularmente duas apresentações por ano, uma na festa junina promovido pela Prefeitura de Boa Vista e, outra, na festa junina promovida pelo Governo do Estado de Roraima, ambas correspondendo ao Arraial da Cidade e sendo realizadas anualmente no mês de junho, com uma semana de duração. Nessas festas, o Grupo organiza sua apresentação na forma de dança de quadrilha, dança típica das festas juninas brasileiras. Além dessas duas apresentações oficiais apresentam-se no Carnaval de Parintins, na festa típica do “Boi Bumbá”. Reúnem-se no final de semana para realizar os ensaios e, embora tenham poucas apresentações, tentam se fortalecer como grupo, porque acreditam que é através da dança e da cultura que se consegue firmar laços de identidade comunitária. Os ensaios ocorrem em um espaço do terreno de um dos membros, sob céu aberto e chão batido. A produção artística é elaborada por uma das participantes do grupo. Para a confecção das

roupas são empregados materiais reciclados e artificiais: fabricam penas artificiais a partir da fibra do buriti, utilizam garrafas plásticas, papéis, tecidos tipo TNT, corda de cizal, barbante, sementes, escamas de peixe, fibras da banana e do buriti. Essas roupas buscam conservar as características da região e da festa amazônica do “Boi Bumbá”, portanto, representam-se as personagens de “Cunhã-Poranga” (índia mais bela da tribo), “Sinhazinha” (filha do fazendeiro), o “Boi Garantido” e o “Boi Caprichoso”, fazendo uma encenação da tradição de Parintins, incorporando alguns elementos locais.

O grupo também começou a se diversificar, realizando apresentações no shopping da cidade de Boa Vista, nas vésperas do Natal, fazendo parte da decoração da prefeitura, e nos finais de semana vestem-se de palhaços e brincam com as crianças. Durante seu processo de organização, o Grupo não contou com nenhum tipo de apoio, apenas com a força de vontade dos seus associados. Atualmente, recebem o apoio do Departamento de Cultura do município no que se refere a programação cultural; do SESI, na participação de eventos; e da Universidade Federal de Roraima – UFRR, no acompanhamento geral.

Quanto ao desempenho financeiro do empreendimento, o grupo afirma que quando tem encomendas e eventos, o faturamento bruto médio é de R\$ 3.000,00 (três mil reais), que então é dividido entre os associados, ocorrendo algumas vezes, a sobra. O Grupo também oferta cursos de artesanato, assim como instruções de danças nas escolas do Estado. Acreditam que, dessa forma, estão contribuindo com ações sociais, nas áreas educacionais, formação e capacitação profissional.

Aguardam políticas públicas visando a melhoria da educação básica e a criação de um espaço cultural. Defendem que em função da falta de políticas públicas o empreendimento enfrenta obstáculos que limitam o acesso às fontes externas de financiamentos devido à inexistência de linhas de crédito adequada às reais necessidades de Grupos solidários e aos entraves burocráticos e fiscais existentes.

Para o futuro, o Grupo planeja adquirir um espaço físico próprio, transporte para se deslocar, melhor estruturação e criação de um centro cultural.

A exemplo de Parintins gostariam de construir um “espaço escolar”, uma espécie de “Oficina do Saber” na qual crianças, adolescentes e jovens, após os horários escolares, pudessem aprender tocar algum instrumento musical, dançar, confeccionar as próprias fantasias e cantar. Sonham em construir um espaço onde a cultura amazônica fosse referenciada e se colocasse na vida de cada participante, ao mesmo tempo propiciando espaço de aprendizagem e para a formação artístico-cultural das crianças, adolescentes e jovens.

Considerações finais

Esses experimentos sociais, para além de tecerem uma crítica empírica aos limites da produção da existência humana como capital, constroem como possibilidade - ainda que contraditória - uma nova práxis social que tem na solidariedade seu novo nexo social. Buscam recuperar a centralidade do homem, suas habilidades produtivas e criativas, unidos por laços de cooperação, ao invés da acumulação de capital em si e para si. A produção coletiva se concretiza como uma proposta que propicia o desenvolvimento de relações sociais que tentam satisfazer necessidades sociais e materiais, recuperando os direitos dos homens trabalhadores. A lógica que se apresenta como impulsionadora dessas relações vem se manifestando como solidariedade, construindo ainda que embrionariamente um novo espaço social.

A unidade cooperativa como práxis solidária dá sustentáculo à reprodução dos Grupos, tendo nas habilidades criativas humanas a expressão de sua maior riqueza. A fragilidade desses Grupos relacionada com aspectos econômicos, como a falta de uma infraestrutura adequada, recursos, instalações, matérias-primas e outras que condicionam o desenvolvimento precarizando do grupo, desvelam a dificuldade de acesso aos meios de produção socialmente produtivos (os quais, nesta sociedade, são centralizados nas mãos de poucos capitalistas). Como acessá-los?

Como frisamos no início deste artigo, a marca do nosso tempo é a impossibilidade de muitos seres humanos produzirem a sua existência como salário e lucro. No início deste novo século, existe um conjunto de pessoas que já não conseguem mais ser nem assalariada, nem capitalista. Assim posta a problemática, a pesquisa que devemos empreender é para desvelar, de um lado, como os seres humanos alternativamente sobrevivem e, de outro, evidenciar que as formas sociais burguesas não mais impossibilitam que todos vivam sob o seu manto, o que faz com que o desenvolvimento da sociedade, neste momento, seja a exclusão social e as consequências negativas daí advindas.

Como há dificuldade de se reproduzir nos moldes burgueses, os homens têm adotado outras formas para se reproduzirem. A corrupção é uma delas, a dívida pública é outra. Estas formas estão se generalizando na sociedade presente e são utilizadas principalmente pelos proprietários dos meios de produção.

Pelo lado dos não-proprietários dos meios de produção, a alternativa de sobrevivência, através da corrupção e da dívida pública, não lhes têm sido favoráveis, pois não integram as redes do poder social vigente. Dois são os caminhos que estão sendo percorridos pelos

desprovidos do trabalho passado como propriedade privada, a prostituição e o banditismo, principalmente através do narcotráfico. Triste resultado histórico para quem produz a riqueza para todos. Ou, através de suas organizações sociais, ainda que precárias, nessa luta apontam a solidariedade como nexos produtivos possíveis, o que foi encontrado como forma de subsistir, neste momento. Se isso se manterá, se configurará num novo modo de produção, a história dirá, o certo é que se configuram como “espaços de esperança” (HARVEY, 2004).

A humanidade está passando por um processo de transmutação da forma burguesa para uma nova forma de se produzir vida. Como todas as grandes transformações sociais, este caminho será longo e tortuoso. É possível que estejamos próximos da indignação pela destruição social da vida. Quando todos se unirem, não para produzir lucro ou salário, mas para produzir vida humana, é que estaremos muito próximos do tempo da emancipação humana (AUED, 2001). Quando o homem alcançar sua emancipação plena, o resultado de sua produção consciente será o próprio homem. Só após este momento é que a humanidade terá dado seus primeiros passos como ser social pleno, pois todos serão responsáveis conscientemente pela vida de todos os seres humanos.

REFERÊNCIAS

- ABBAGANANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- AUED, Idaleto Malvezzi. Capital e emancipação humana: o ser social. In: AUED, Bernardete Wrublevski. (org.). *Educação para o (des) emprego*. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 109-131.
- AUED, Idaleto Malvezzi. *Marxismo e Geografia*. Texto desenvolvido com base na palestra ministrada no Primeiro Encontro de Estudantes de Geografia, na UNOESC, cidade de Chapecó – SC em 30.08.2001.
- BETTELHEIM, Charles. *A luta de classes na União Soviética*. 2ª ed., Paz e Terra: Rio de Janeiro, 1979.
- CARR, E. H. *A Revolução Russa de Lenin a Stalin (1917-1929)*. Zahar: Rio de Janeiro, 1981.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- COHEN, Stephen F. (1976). *Bujarin y la revolución bolchevique*. Siglo Veintiuno: Buenos Aires.
- GRADE, Marlene. Fórum do Maciço do Morro da Cruz e AGRECO como espaço transitório: germinando a espacialização de relações solidárias em Santa Catarina. Universidade Federal de Santa Catarina, *Programa de Pós-Graduação em Geografia* – Doutorado, 2006.

- _____. MST: luz e esperança de uma sociedade igualitária e socialista. Universidade Federal de Santa Catarina, *Programa de Pós-Graduação em Economia – Mestrado*, 1999.
- HARVEY, D. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1989.
- HARVEY, D. *Espaços de Esperança*. São Paulo: Loyola, 2004.
- MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. Livro I, volume 1, 22ª. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.
- _____. *O Capital: crítica da economia política*. Livro I, volume 2, 20ª. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- _____. *O Capital: crítica da economia política*. Livro 3, volume 4, 3ª. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.
- _____. *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Boitempo, 2007.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Crítica da Economia Nacional*. Lisboa: Ulmeiro, 1976.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A Sagrada Família ou A crítica da Crítica crítica*. São Paulo: Boitempo, 2003.
- MÈSZÁROS, István. *Para Além do Capital: rumo a uma teoria da transição*. São Paulo: Boitempo e Unicamp, 2002.
- SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 10ª. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1999.
- SANTOS, Milton. O espaço geográfico como categoria filosófica. O espaço em questão. *Terra Livre* n. 5. São Paulo: AGB, 1988.
- SANTOS, Milton. O Estado-Nação como espaço, totalidade e método. In: *Espaço e Sociedade*. Vozes: Petrópolis, 1979, p. 28-34.
- SANTOS, Milton. SILVEIRA, Maria Laura. *O Brasil – território e sociedade no início do século XXI*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- SANTOS, Milton. *Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional*. Hucitec: São Paulo, 1994.